

LITTERATURA

O IMMORTAL

I

— Meu pae nasceu em 1600...

— Perdão, em 1800, naturalmente...

— Não, senhor, replicou o Dr. Leão, de um modo grave e triste; foi em 1600.

Estupefacção dos ouvintes, que eram dous, o coronel Bertioga, e o tabellião da villa, João Linhares. A villa era na provincia fluminense; supponhamos Itaborahy ou Sapucaia. Quanto á data, não tenho duvida em dizer que foi no anno de 1855, uma noite de novembro, escura como breu, quente como um forno, passante de nove horas. Tudo silencio. O logar em que os tres estavam era a varanda que dava para o terreiro. Um lampião de luz frouxa, pendurado de um prego, sublinhava a escuridão exterior. De quando em quando, gania um secco e aspero vento, mesclando-se ao som monotono de uma cachoeira proxima. Tal era o quadro e o momento, quando o Dr. Leão insistiu nas primeiras palavras da narrativa.

— Não, senhor; nasceu em 1600.

Medico homœopatha, — a homœopathia começava a entrar nos dominios da nossa civilisação, — este Dr. Leão chegára á villa, dez ou doze dias antes, provido de boas cartas de recommendação, pessoas e politicas. Era um homem intelligente, de fino trato e coração benigno. A gente da villa notou-lhe certa tristeza no gesto, algum retrahimento nos habitos, e até uma tal ou qual sequidão de palavras, sem embargo da perfeita cortezia; mas tudo foi attribuido ao acanho dos primeiros dias e ás saudades da Côte. Contava trinta annos, tinha um principio de calva, olhar baço e mãos episcopaes. Andava propagando o novo systema.

Os dous ouvintes continuavam pasmados. A duvida fora posta pelo dono de casa, o coronel Bertioga, e o tabellião ainda insistiu no caso, mostrando ao medico a impossibilidade de ter o pae nascido em 1600. Duzentos e cincoenta e cinco annos antes! dous seculos e meio! Era impossivel. Então, que idade tinha elle? e de que idade morreu o pae?

— Não tenho interesse em contar-lhes a vida de meu pae, respondeu o Dr. Leão. Fallaram-me no macrobio que mora nos fundos da matriz; disse-lhes que, em negocio de macrobios, conheci o que ha mais espantoso no mundo, um homem immortal...

— Mas seu pae não morreu? disse o coronel.

— Morreu.

— Logo, não era immortal, concluiu o tabellião triumphante. Immortal se diz quando uma pessoa não morre, mas seu pai morreu.

— Querem ouvir-me?

— Homem, pôde ser, observou o coronel meio abalado. O melhor é ouvir a historia. Só o que digo é que mais velho do que o Capataz nunca vi ninguém. Está mesmo caindo de maduro. Seu pai devia estar tambem muito velho...?

— Tão moço como eu. Mas para que me fazem perguntas soltas? Para se espantarem cada vez mais, porque na verdade a historia de meu pai não é facil de crer. Posso contal-a em poucos minutos.

II

Excitada a curiosidade, não foi difficil impôr-lhes silencio. A familia toda estava accommodada, os tres eram sós na varanda, o Dr. Leão contou enfim a vida do pai, nos termos em que o leitor vai ver, se se der o trabalho de ler o segundo e os outros capitulos.

— Meu pai nasceu em 1600, na cidade do Recife. Aos vinte e cinco annos tomou o habito franciscano, por vontade de minha avó, que era profundamente religiosa. Tanto ella como o marido eram pessoas de bom nascimento, — « bom sangue, » como dizia meu pai, affectando a linguagem antiga.

Meu avô descendia da nobreza de Hespanha, e minha avó era de uma grande casa do Alemtejo. Casaram-se ainda na Europa, e, annos depois, por motivos que não vêm ao caso dizer, transportaram-se ao Brazil, onde ficaram e morreram. Meu pai dizia que poucas mulheres tinha visto tão bonitas como minha avó. E olhem que elle amou as mais esplendidas mulheres do mundo. Mas não antecipemos.

Tomou meu pai o habito, no convento de Igua-rassú, onde ficou até 1639, anno em que os hollandezes, ainda uma vez, assaltaram a povoação. Os frades deixaram precipitadamente o convento; meu pai, mais remisso do que os outros (ou já com o intento de deitar o habito ás ortigas), deixou-se ficar na cella, de maneira que os hollandezes o foram achar no momento em que recolhia alguns livros pios e objectos de uso pessoal. Os hollandezes não o trataram mal. Elle os regalou com o melhor da ueharia franciscana, onde a pobreza é de regra. Sendo uso d'aquelles frades alternarem-se no serviço da cosinha, meu pai entendia da arte, e esse talento foi mais um encanto ao parecer do inimigo.

No fim de duas semanas, o official hollandez offereceu-lhe um salvo-conducto, para ir aonde lhe parecesse; mas meu pai não o aceitou logo, querendo primeiro considerar se devia ficar com os hollandezes, e, á sombra d'elles desamparar a Ordem, ou se lhe era melhor buscar vida por si mesmo. Adoptou o segundo alvitre, não só por ter o espirito aventureiro, curioso e audaz, como porque era patriota, e bom catholico, apezar da repugnancia á vida monastica, e não quizera misturar-se com o herege invasor. Aceitou o salvo-conducto e deixou Igua-rassú.

Não se lea-brava elle, quando me contou essas cousas, não se lembrava mais do numero de dias que despendeu sosinho por lugares ermos, fugindo de proposito ao povoado, não querendo ir a Olinda ou Recife, onde estavam os hollandezes. Comidas as provisões que levava, ficou dependente de alguma caça sylvestre e fructas. Deitára, com effeito, o habito ás ortigas; vestia uns calções flamengos, que o official lhe dera, e uma camisola ou jaquetão de couro. Para encurtar razões, foi ter a uma aldêa de gentio, que o recebeu muito bem, com grandes carinhos e obsequios. Meu pai era talvez o mais insinuante dos homens. Os indios ficaram embeijados por elle, mormente o chefe, um guerreiro velho, bravo e generoso, que chegou a dar-lhe a filha em casamento. Já então minha avó era morta, e meu avô desterrado para a Hollanda, noticias que meu pai teve, casualmente, por um antigo servo da casa. Deixou-se estar, pois na aldêa, com o gentio, até o anno de 1642, em que o guerreiro falleceu. Este caso do fallecimento é que é maravilhoso: peço-lhes a maior attenção.

O coronel e o tabellião aguçaram os ouvidos, enquanto o Dr. Leão extrahia pausadamente uma pitada e inseria-a no nariz, com a pachorra de quem esta negaceando uma cousa extraordinaria.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua)

CIVILIDADE

OS RETRATOS

Está de tal modo arraigado o uso de troca de retratos, que não vem fóra de proposito dizer o que a civilidade exige nessas circumstancias particulares.

Nunca se offerecem, excepto o caso de parentesco proximo e intimo e quando o pedido é feito de um modo especial, photographias grandes, chamadas de gabinete, ou medalhões, que se não podem collocar n'um album.

Só a familia ou uma amiga intima tem o direito de possuir o vosso retrato, leitora, na parede do seu quarto.

Regra geral e absoluta: nunca devemos dar o nosso retrato, mesmo para o album, sinão quando noi-o houverem pedido.

Um homem não deve fazer-se rogado e deixar uma senhora insistir nesse assumpto; deve aquiescer promptamente a esse desejo, considerando-se muito honrado.

Além disso, uma senhora não repete semelhante pedido, si não é immediatamente satisfeita, sobretudo quando se tracta de um moço.

Quando porém o homem é edoso, a insistencia é admissivel.

Um homem não falta á polidez pedindo a uma senhora o seu retrato; esta geralmente recusa, a menos que se não tracte de um caso excepcional, como parentesco, a idade, a posição, etc.

Uma moça não o dá nunca a um moço, a menos que elle não seja seu noivo.

Quando nos pedem o nosso retrato dão-nos uma prova de interesse e é por isso que nos devemos apressar em corresponder a essa gentileza.

Receber o retrato de uma amiga sem dar o seu, é contrahir uma divida, que só pôde ser paga na mesma moeda.

Um homem não deve offerecer a uma senhora o seu retrato n'uma posição muito familiar.

Em resumo, essa troca de uma lembrança, que nada pôde substituir, é uma das mais bellas innovações do nosso tempo.

Muitos clamam contra o abuso. Eu, por mim, julgo-o improcedente.

Nós sentimos todos, — não é verdade? — um prazer mais ou menos intenso, mas sempre vivo, em receber os retratos das pessoas com quem entretemos relações.

As affeições da sociedade são ephemerhas; as circumstancias da vida, mil outros motivos rompem os laços; mais tarde o album se transforma n'um livro de lembranças animado.

Folheando-o, sentimos ante essas figuras conhecidas, amadas ás vezes, ás vezes tambem indifferentes, de testadas, tolas as impressões dos annos passados... Este morreu moço; que saudades não deixou!... Esta amiga casou-se e partiu; não a vimos mais!... Oh! Como esta era bonita! que differença para hoje! Mais adiante está outro retrato tirado dez annos depois! mudou muito!... Mas de repente apresenta-se uma physionomia que não sabemos quem seja!... Um desconhecido! Coitado do que passou em nossa vida, em nosso album, sem deixar o menor vestigio em nossa memoria!

E' assim que tornamos a vêr o passado, que evocamos recordações, ora alegres, ora tristes, bem tristes!

LUÍZA D'ALQ.

LITTERATURA

O IMMORTAL

(Continuação)

III

Uma noite, o chefe indigena, — chamava-se Pirajua —, foi á rede de meu pai, annunciou-lhe que tinha de morrer, pouco depois de nascer o sol, e que elle estivesse prompto para acompanhal-o fóra, antes do momento ultimo. Meu pai ficou alvoroçado, não por lhe dar credito, mas por suppor-o delirante. Sobre a madrugada, o sogro veio ter com elle.

— Vamos, disse-lhe.

— Não, agora não: estás fraco, muito fraco...

— Vamos! repetiu o guerreiro.

E, á luz de uma fogueira espirante, viu-lhe meu pai a expressão intimativa do rosto, e um certo ar diabolico, em todo caso extraordinario, que o atterrou. Levantou-se, acompanhou-o na direcção de um correjo. Chegando ao correjo, seguiram pela margem esquerda, acima, durante um tempo que meu pai calculou ter sido um quarto de hora. A madrugada accentuava-se; a lua fugia deante dos primeiros annuncios do sol. Comtudo, e apesar da vida do sertão que meu pai levava desde alguns tempos, a aventura assustava-o; seguia vigiando o sogro, com receio de alguma traição. Pirajua ia calado, com os olhos no chão, e a frente carregada de pensamentos, que podiam ser cruéis ou sómente tristes. E andaram, andaram, até que Pirajua disse:

— Aqui.

Estavam deante de tres pedras, dispostas em triangulo. Pirajua sentou-se n'uma, meu pai n'outra. Depois de alguns minutos de descanso:

— Arréda aquella pedra, disse o guerreiro, apontando para a terceira, que era a maior.

Meu pai levantou-se e foi á pedra. Era pesada, resistiu ao primeiro impulso; mas meu pai teimou, applicou todas as forças, a pedra cedeu um pouco, depois mais, enfim foi removida do lugar.

— Cava o chão, disse o guerreiro.

Meu pai foi buscar uma lasca de pau, uma taquara ou não sei que, e começou a cavar o chão. Já então estava curioso de ver o que era. Tinha-lhe nascido uma ideia, — algum thezouro enterrado, que o guerreiro, receioso de morrer, quizesse entregar-lhe. Cavou, cavou, cavou, até que sentiu um objecto rijo; era um vaso tosco, talvez uma igaçaba. Não o tirou, não chegou mesmo a arredar a terra em volta delle. O guerreiro approximou-se, desatou o pedaço de couro de anta que lhe cobria a boca, metten dentro o braço, e tirou um boião. Este boião tinha a boca tapada com outro pedaço de couro.

— Vem cá, disse o guerreiro.

Sentaram-se outra vez. O guerreiro tinha o boião sobre os joelhos, tapado, mysterioso, aguçando a curiosidade de meu pai, que ardia por saber o que havia alli dentro.

— Pirajua vae morrer, disse elle: vae morrer para nunca mais. Pirajua ama guerreiro branco, esposo de Maracujá, sua filha; e vae mostrar um segredo como não ha outro.

Meu pai estava tremulo. O guerreiro desatou lentamente o couro que tapava o boião. Destapado, olhou para dentro, levantou-se, e veio mostral-o a meu pai. Era um liquido amarellado, de um cheiro acre e singular.

— Quem bebe isto, um gollo só, nunca mais morre.

— Oh! bebe, bebe! exclamou meu pai com vivacidade.

Foi um movimento de affecto, um acto irreflectido de verdadeira amizade filial, porque só um instante depois é que meu pai advertiu que não tinha, para erer na noticia que o sogro lhe dava, senão a palavra do mesmo sogro, cuja razão suppunha perturbada pela molestia. Pirajua sentiu o espontaneo da palavra de meu pai, e agradeceu-lha; mas abanou a cabeça.

— Não, disse elle; Pirajua não bebe, Pirajua quer morrer. Está cansado, viu muita lua, muita lua. Pirajua quer descansar na terra, está aborrecido. Mas Pirajua quer deixar este segredo a guerreiro branco; está aqui; foi feito por um velho pagé de longe, muito longe... Guerreiro branco bebe, não morre mais.

Dizendo isto, tornou a tapar a boca do boião, e foi mettel-o outra vez dentro da igaçaba. Meu pai fechou depois a boca da mesma igaçaba, e repoz a pedra em cima. O primeiro clarão do sol vinha apontando. Voltaram para casa depressa; antes mesmo de tomar a rede, Pirajua falleceu.

Meu pai não acreditou na virtude do elixir. Era absurdo suppor que um tal liquido podesse abrir uma excepção na lei da morte. Era naturalmente algum remedio, se não fosse algum veneno; e neste caso, a mentira do indio estava explicada pela turvação mental que meu pai lhe attribuiu. Mas, apesar de tudo, nada disse aos demais indios da aldeia, nem á propria esposa. Calou-se; — nunca me revellou o motivo do silencio; creio que não podia ser outro senão o proprio influxo do mysterio.

Tempos depois, adoeceu, e tão gravemente que foi dado por perdido. O curandeiro do lugar annunciou a Maracujá que ia ficar viuva. Meu pai não ouviu a noticia, mas leu-a em uma pagina de lagrimas, no rosto da consorte, e sentiu em si mesmo que estava acabado. Era forte, valeroso, capaz de encarar todos os perigos; não se atterrou, pois, com a ideia de morrer, despediu-se dos vivos, fez algumas recommendações e preparou-se para a grande viagem.

Alta noite, lembrou-se do elixir, e perguntou a si mesmo se não era acertado tental-o. Já agora a morte era certa, que perderia elle com a experiencia? A sciencia de um seculo não sabia tudo; outro seculo vem e passa adiante. Quem sabe, dizia elle consigo, se os homens não descobrirão um dia a immortalidade, e se o elixir scientifico não será esta mesma droga selvatica? O primeiro que curou a febre maligna fez um prodigio. Tudo é incrível antes de divulgado. E, pensando assim, resolveu transportar-se ao lugar da pedra, á margem do arroio; mas não quiz ir de dia, com medo de ser visto. De noite, ergueu-se, e foi, tropego, vacillante, batendo o queixo. Chegou á pedra, arredou-a, tirou o boião, e bebeu metade do conteúdo. Depois sentou-se para descansar. Ou o descanso, ou o remedio, alentou-o logo. Elle tornou a guardar o boião; d'ahi a meia hora estava outra vez na rede. Na seguinte manhã estava bom...

— Bom de todo? perguntou o tabelliao João Linhares, interrompendo o narrador.

— De todo.

— Era algum remedio para febre...

— Foi isto mesmo o que elle pensou, quando se viu bom. Era algum remedio para febre e outras

doenças; e nisto ficou; mas, apesar do effeito da droga, não a descobriu a ninguém. Entretanto, os annos passaram, sem que meu pai envelhecesse; qual era no tempo da molestia, tal ficou. Nenhuma ruga, nenhum cabello branco. Moço, perpetuamente moço. A vida de matto começara a aborrecel-o; ficara alli por gratidão ao sogro; as saudades da civilisação vieram tomal-o. Um dia, a aldeia foi invadida por uma horda de indios de outra, não se sabe porque motivo, nem importa ao nosso caso. Na lueta pereceram muitos, meu pai foi ferido, e fugiu para o matto. No dia seguinte veio á aldeia, achou a mulher morta. As feridas eram profundas; curou-as com o emprego de remedios usuaes; e restabeleceu-se dentro de poucos dias. Mas os successos confirmaram-o no proposito de deixar a vida semi-selvatica e tornar á vida civilisada e christã. Muitos annos se tinham passado depois da fuga do convento de Iguarassú; ninguém mais o reconheceria. Um dia de manhã deixou a aldeia, com o pretexto de ir caçar; foi primeiro ao arroio, desviou a pedra, abriu a igaçaba, tirou o boião, onde deixara um resto do elixir. A ideia debe era fazer analysar a droga na Europa, ou mesmo em Olinda ou no Recife, ou na Bahia, por algum entendido em cousas de chimica e pharmacia. Ao mesmo tempo não podia furtar-se a um sentimento de gratidão; devia áquelle remedio a saude. Com o boião ao lado, a mocidade nas pernas e a resolução no peito, saiu d'alli, caminho de Olinda e da eternidade.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua)

VARIEDADE

A FELICIDADE NO LAR

CARTAS DE UMA MÃE Á SUA FILHA

III

(Conclusão)

Quanto aos outros aposentos, parece-me desnecessario indicar-te circumstanciadamente como deves mobilial-os; mas recommendo que estabeleças perfeita harmonia, tanto no conjuncto, como, particularmente, em cada aposento.

Não sacrificques uma parte de tua casa a outra, como fazem certas pessoas que, para ter uma sala de visitas e uma sala de jantar mobiladas com luxo, deixam de mobiliar agradavelmente os outros aposentos.

O salão e a sala de jantar, onde se recebem os amigos, devem ser hospitaleiros e fazer hoara aos donos da casa, mais pelo bom gosto que pelo luxo da mobilia.

Todavia, convém que o salão seja um pouco mais ricamente mobilado que os quartos e de um estylo mais serio.

Mas si os aposentos em que recebemos os amigos têm a sua importancia, aquelles em que vive quotidianamente a familia não têm tambem a sua?

Devemos, para o fim de satisfazer a um estoldo amor-próprio, privar-nos das satisfações do coração do intimo bem-estar?

Certamente que não; é indigno de uma boa dona de casa; é querer antepôr as apparencias á felicidade dos seus.

O gabinete de Feliciano, posto que de um estylo sobrio e até severo, não deve ser despido de encantos.

Farás com que teu marido encontre nelle tudo o que faz o trabalho facil, tudo o que o faz amar.

No teu quarto poderás cercar-te dos objectos que fallam ao teu coração: recordações de solteira, retratos de familia, retratos de amigos, livros predilectos, amigos de outro e talvez melhor especie.

E' ahí, nesse aposento, que deslisará a maior parte da tua vida; ahí te entregarás aos teus trabalhos de costura, de desenho, de agulha, etc. Ahí farás muitas vezes boas e fecundas leituras, e estou bem certa que ainda ahí é que pensarás mais vezes em tua mãe.

Organisa pois esse aposento de maneira que sempre te comprazas nelle.

Torna-o mais risonho que for possível.

Para conseguir esse fim, bom será que colloques algumas flores na janella.

LITTERATURA

O IMMORTAL

(Continuação)

IV

— Não posso demorar-me em pormenores, disse o Dr. Leão aceitando o café que o coronel mandára trazer. São quasi dez horas...

— Que tem? perguntou o coronel. A noite é nossa; e, para o que temos de fazer amanhã, podemos dormir quando bem nos parecer. Eu por mim não tenho somno. E você, Sr. João Linhares?

— Nem um pingó, respondeu o tabellião.

E teimou com o Dr. Leão para contar tudo, acrescentando que nunca ouvira nada tão extraordinário. Note-se que o tabellião presumia ser lido em historias antigas e passava na villa por um dos homens mais illustrados do Imperio; não obstante, estava pasmado. Elle contou alli mesmo, entre dous goles de café, o caso de Mathusalem, que viveu novecentos e sessenta e nove annos, e o de Lamech que morreu com setecentos e setenta e sete; mas, explicou logo, porque era um espirito forte, que esses e outros exemplos da chronologia hebraica não tinham fundamento scientifico...

— Vamos, vamos ver agora o que aconteceu a seu pae, interrompeu o coronel.

O vento, de esfalfado, morrera; e a chuva começava a rufar nas folhas das arvores, a principio com intermitencias, depois mais continua e basta. A noite refrescou um pouco. O Dr. Leão continuou a narração, e, apesar de dizer que não podia demorar-se nos pormenores, contou-as com tanta miudeza, que não me atrevo a pol-os taes quaes nestas paginas; seria fastidioso. O melhor é resumil-o.

Ruy de Leão, ou antes Ruy Garcia de Meirelles e Castro Azevedo de Leão, que assim se chamava o pae do medico, pouco tempo se demorou em Pernambuco. Um anno depois, em 1654, cessava o dominio hollandez. Ruy de Leão assistiu ás alegrias da victoria, e passou-se ao reino, onde casou com uma senhora nobre de Lisboa. Teve um filho; e perdeu o filho e a mulher no mesmo mez de Março de 1661. A dor que então padecera foi profunda; para distrahir-se visitou a França e a Hollanda. Mas na Hollanda, ou por motivo de uns amores secretos, ou por odio de alguns judeus descendentes ou naturaes de Portugal, com quem entreteve relações commerciaes na Haya, ou enfim por outros motivos desconhecidos, Ruy de Leão não pôde viver tranquillo muito tempo; foi preso e conduzido para a Alemanha, donde passou a Hungria, a algumas cidades italianas, a França, e finalmente a Inglaterra. Na Inglaterra estudou o inglez profundamente; e, como sabia o latim, aprendido no convento, o hebraico, que lhe ensinára na Haya o famoso Spinoza, de quem foi amigo, e que talvez deu causa ao odio que os outros judeus lhe criaram; — o francez e o italiano, parte do allemão e do hungaro, formou-se em Londres objecto de verdadeira curiosidade e veneração. Era buscado, consultado, ouvido, não só por pessoas do vulgo ou idiotas, como por letrados, políticos e personagens da corte.

Convém dizer que em todos os paizes por onde andára tinha elle exercido os mais contrarios officios: soldado, advogado, sacristão, mestre de dansa, commerciante e livreiro. Chegou a ser agente secreto da Austria, guarda pontificio e armador de navios. Era activo, engenhoso, mas pouco persistente, a julgar pela variedade das cousas que emprehendeu; elle, porém, dizia que não, que a sorte é que sempre lhe foi adversa. Em Londres, onde o vemos agora, limitou-se ao mister de letrado e gamenho; mas não tardou que voltasse a Haya, onde o esperavam alguns dos amores velhos, e não poucos recentes.

Que o amor, força é dizelo, foi uma das causas da vida agitada e turbulenta do nosso heróe. Elle era pessoalmente um homem galhardo, insinuante, dotado de um olhar cheio de força e magia. Segundo elle mesmo contou ao filho, deixou muito longe o algarismo dom-juanesco das *milita e tre*. Não podia dizer o numero exacto das mulheres a quem amára, em todas as latitudes e linguas, desde a selvagem Maraenjá de Pernambuco, até á bella cypríota ou á fidalga dos salões de Paris e Londres; mas calculava em não menos de cinco mil mulheres. Imagina-se facilmente que uma tal multidão devia conter todos os generos possiveis da belleza feminina: louras,

morenas, pallidas, coradas, altas, meãs, baixinhas, magras ou cheias, ardentes ou languidas, ambiciosas, devotas, lascivas, poeticas, prosaicas, intelligentes, estupidas; — sim, tambem estupidas, e era opinião opinião delle que a estupidez das mulheres tinha o sexo feminino, era graciosa, ao contrario da dos homens, que participava da aspereza viril.

— Ha casos, dizia elle, em que uma mulher estúpida tem o seu logar.

Na Haya, entre os novos amores, deparou-se-lhe um que o prendeu por longo tempo: lady Emma Sterling, senhora ingleza, ou antes escosseza, pois descendia de uma familia de Dublin. Era formosa, resoluta, e audaz; — tão audaz que chegou a propor ao amante uma expedição a Pernambuco para conquistar a capitania, e aclamarem-se reis do novo Estado. Tinha dinheiro, podia levantar muito mais, chegou mesmo a sondar alguns armadores e commerciantes, e antigos militares que ardião por uma desforra. Ruy de Leão ficou atterrado com a proposta do amante, e não lhe deu crédito; mas lady Emma insistiu e mostrou-se tão de rocha, que elle reconheceu enfim achar-se deante de uma ambiciosa verdadeira. Era, todavia, homem de senso; viu que a empreza, por mais bem organizada que fosse, não passaria de tentativa desgraçada; disse-lhe a ella; mostrou-lhe que, se a Hollanda inteira tinha recuado, não era facil que um particular chegasse a obter alli dominio seguro, nem ainda instantaneo. Lady Emma abriu mão do plano, mas não perdeu a idéa de o exaltar a alguma grande situação.

— Tu serás rei ou duque...

— Ou cardeal, acrescentava elle rindo.

— Porque não cardeal?

Lady Emma fez com que Ruy de Leão entrasse d'ahi a pouco na conspiração que deu em resultado a invasão da Inglaterra, a guerra civil, e a morte enfim dos principaes cabos da rebellião. Vencida esta, lady Emma não deu por vencida. Occorreu-lhe então uma idéa espantosa. Ruy de Leão inculeava ser o proprio pae do duque de Monmouth, supposto filho natural de Carlos II, e caudillio principal dos rebeldes. A verdade é que eram parecidos como duas gotas d'agua. Outra verdade é que lady Emma, por occasião da guerra civil, tinha o plano secreto de fazer matar o duque, se elle triumphasse, e substituil-o pelo amante, que assim subiria ao throno de Inglaterra. O pernambucano, excusado é dizelo, não soube de semelhante alevisia, nem lhe daria o seu assentimento. Entrou na rebellião, viu-a perecer ao sangue e ao supplicio, e tratou de esconder-se. Emma acompanhou-o; e, como a esperança do sceptro não lhe saia do coração, passado algum tempo fez correr que o duque não morrera, mas sim um amigo tão parecido com elle, e tão dedicado, que o substituiu no supplicio.

— O duque está vivo, e dentro de pouco apparecerá ao nobre povo da Gran Bretanha, sussurrava ella aos ouvidos.

Quando Ruy de Leão effectivamente appareceu, a estupefação foi grande, o entusiasmo reviveu, o amor deu alma a uma causa, que o carrasco suppunha ter acabado na Torre de Londres. Donativos, presentes, armas, defensores, tudo veio ás mãos do audaz pernambucano, aclamado rei, e rodeado logo de um troço de varões resolutos a morrer pela mesma causa.

— Meu filho, — disse elle, seculo e meio depois, ao medico homeopatha, — dependeu de muito pouco não teres nascido príncipe de Gales... Cheguei a dominar cidades e villas, expedi leis, nomeei ministros, e, ainda assim, resisti a duas ou tres sedições militares que pediam a queda dos dous ultimos gabinetes. Tenho para mim que as dissensões internas ajudaram as forças legaes, e devo-lhes a minha derrota. Ao cabo, não me zanguei com ellas; a luta fatigara-me; não mintto dizendo que o dia da minha captura foi para mim de allivio. Tinha visto, além da primeira, duas guerras civis, uma dentro da outra, uma cruel, outra ridicula, ambas insensatas. Por outro lado, vivêra muito, e uma vez que me não executassem, que me deixassem preso ou me exilassem para os confins da terra, não pedia nada mais aos homens, ao menos durante alguns seculos... Fui preso, julgado e condemnado á morte. Dos meus auxiliares não poucos negaram tudo; creio mesmo que um dos principaes morreu na camara dos lords. Tanta ingratião foi um principio de supplicio. Emma, não; essa nobre senhora não me abandonou; foi presa, condemnada, e perdoada; mas não me abandonou. Na vespera de minha execução, veio ter commigo, e passámos juntos as ultimas horas. Disse-

lhe que não me esquecesse, dei-lhe uma trança de cabellos, pedi-lhe que perdoasse ao carrasco... Emma prorompeu em soluços; os guardas vieram buscal-a. Ficando só, recapitulei a minha vida, desde Igua-rassú até a Torre de Londres. Estavamos então em 1686; tinha eu oitenta e seis annos, sem parecer mais de quarenta. A apparencia era a da eterna juventude; mas o carrasco ia destruil-a n'um instante. Não valia a pena ter bebido metade do elixir e guardado commigo o mysterioso boião, para acabar tragicamente no cepo do cadafalso... Taes foram as minhas ideias naquella noite. De manhã preparei-me para a morte. Veiu o padre, vieram os soldados, e o carrasco. Obedei machucalmente. Caminhamos todos, subi ao cadafalso, não fiz discurso; inclinei o pescoço sobre o cepo, o carrasco deixou cair a arma, senti uma dor penetrante, uma angustia enorme, como que a parada subita do coração; mas essa sensação foi tão grande como rapida; no instante seguinte tornára ao estado natural. Tinha no pescoço algum sangue, mas pouco e quasi secco. O carrasco recuou, o povo bramiu que me matassem. Inclinarão-me a cabeça, e o carrasco fazendo appello a todos os seus musculos e principios, descarregou outro golpe, e maior, se é possível, capaz de abrir-me ao mesmo tempo a sepultura, como já se disse de um valente. A minha sensação foi igual á primeira na intensidade e na brevidade; reergui a cabeça. Nem o magistrado nem o padre consentiram que se desse outro golpe. O povo abalou-se, uns chamaram-me santo, outros diabo, e ambas essas opiniões eram defendidas nas tabernas á força de punho e de aguardente. Diabo ou santo, fui presente aos medicos da corte. Estes ouviram o depoimento do magistrado, do padre, do carrasco, de alguns soldados, e concluíram que, uma vez dado o golpe, os tecidos do pescoço ligavam-se outra vez rapidamente, e assim os mesmos ossos, e não chegavam a explicar um tal phenomeno. Pela minha parte, em vez de contar o caso do elixir, calei-me; preferi aproveitar as vantagens do mysterio. Sim, meu filho; não imaginas a impressão de toda a Inglaterra, os bilhetes amorosos que recebi dos mais finas duquezas, os versos, as flores, os presentes, as metapheras. Um poeta chamou-me Anteu. Um joven protestante demonstrou-me que eu era o mesmo Christo.

(Continua)

MACHADO DE ASSIS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O cabo da Boa Esperança

O desenho que publicamos representa visto do mar largo o celebrado cabo das Tormentas, cuja descoberta é uma das glorias de Portugal. Apos os fabulosos contos dos velhos marinheiros que tinham navegado na costa de Guiné, os quaes affirmavam que além do cabo Bojador só podia estar o Inferno, por isso que tinham presenciado provas evidentes, era de certo ousado o intento de Bartholomeu Dias tentando procurar por ali a derrota para a India em 1486. Desdenhado pelos portuguezes a terra novamente descoberta foi colonizada pelos hollandezes, que mais tarde tiveram de a ceder aos inglezes, que a conquistaram e a tem conservado não sem custo.

A colonia do Cabo goza de um excellente clima e tem-se tornado um ponto commercial importante. Um dos objectos mais notaveis do commercio do Cabo é a criação das avestruzes, que produzem plumas muito valiosas e estimadas, além disso a exportação de vinhos e diamantes e outros preciosos productos fazem do Cabo uma das possessões mais rendosas do Reino Unido.

Corrida a Patins (Noruega)

Geralmente consideramos a patinagem como um exercicio corporal e um divertimento. Os russos, os suecos e os norueguenses não patinam por divertimento. Nesse ultimo paiz principalmente o exercicio do patim é uma parte seria da educação das crianças, porque o norueguense quasi que se pôde dizer que vive sobre os patins, porém que patins. Os nossos leitores podem fazer uma idéa pela gravura em que reproduzimos um desafio commum entre dois camponezes. O patim que chamam *Skie* tem cerca de 2 metros de comprimento e a largura do pé; é uma taboinha de pinho fina e afiada, ligeiramente curva na extremidade e terminando em bico; no centro a taboa tem dobrada espessura; e nesse lugar, formando ligeira saliência, que pouso o pé envolvido em um espesso calçado e preso por uma correia. Nada estorva o norueguense calçado do *Skie*, corre com a mesma facilidade sobre a terra coberta de neve como sobre as crostas solidas que cobrem os rios. Essa taboa comprida, que á primeira vista parece que o deveria incommodar, não é para elle o menor embaraço, pois em sua carreira vertiginosa parece que mal toca o solo e passa por todaparte subindo morros e evitando com a mais curiosa habilidade os estorvos que poderiam impedir a sua marcha.

LITTERATURA

O IMMORTAL

(Continuação)

V

O narrador continuou:

— Já veem, pelo que lhes contei, que não acabaria hoje nem em toda esta semana, se quizesse referir miudamente a vida inteira de meu pae. Algum dia o farei, mas por escripto, e cuido que a obra dará cinco volumes, sem contar os documentos...

— Que documentos? perguntou o tabellião.

— Os muitos documentos comprobatorios que possuo, titulos, cartas, traslados de sentenças, de escripturas, copias de estatisticas... Por exemplo, tenho uma certidão do recenseamento de um certo bairro de Genova, onde meu pae morou em 1742; traz o nome d'elle, com declaração do logar em que nasceu...

— E com a verdadeira idade? perguntou o coronel.

— Não. Meu pae andou sempre entre os quarenta e os cincoenta. Chegando aos cincoenta, cincoenta e poucos, voltava para traz; — e era-lhe facil fazer isto, porque não esquentava logar; vivia cinco, oito, dez, doze annos n'uma cidade, e passava a outra... Pois tenho muitos documentos que juntarei, entre outros, o testamento de lady Emma, que morreu pouco depois da execução gorada de meu pae. Meu pae dizia-me que entre as muitas saudades que a vida lhe ia deixando, lady Emma era das mais fortes e profundas. Nunca viu mulher mais sublime, nem amor mais constante, nem dedicação mais cega. E a morte confirmou a vida, porque o herdeiro de lady Emma foi meu pae. Infelizmente, a herança teve outros reclamantes, e o testamento entrou em processo. Meu pae, não podendo residir em Inglaterra, concordou na proposta de um amigo providencial que veio a Lisboa dizer-lhe que tudo estava perdido; quando muito poderia salvar um restosinho de nada, e offereceu-lhe por esse direito problematico uns dez mil cruzados. Meu pae aceitou-os; mas, tão caipora que o testamento foi approvedo, e a herança passou ás mãos do comprador...

— E seu pae ficou pobre...

— Com os dez mil cruzados, e pouco mais que apurou. Teve então ideia de metter-se no negocio de escravos; obteve privilegio, armou um navio, e transportou africanos para o Brazil. Foi a parte da vida que mais lhe custou; mas afinal acostumou-se ás fristes obrigações de um navio negreiro. Acostumou-se, e enfiou-se, que era outro phenomeno na vida d'elle. Enfiava-se dos officios. As longas solidões do mar alargaram-lhe o vazio interior. Um dia reflectiu, e perguntou a si mesmo se chegaria a habituar-se tanto á navegação, que tivesse de varrer o oceano, por todos os seculos dos seculos. Criou medo; e comprehendeu que o melhor modo de atravessar a eternidade era variar-a...

— Em que anno ia elle?

— Em 1694; fins de 1694.

— Veja só! Tinha então noventa e quatro annos, não era? Naturalmente, moço...

— Tão moço que casou dahi a dous annos, na Bahia, com uma bella senhora que...

— Diga.

— Digo, sim; porque elle mesmo me contou a historia. Uma senhora que amou a outro. E que outro! Imaginem que meu pae, em 1695, entrou na conquista da famosa republica dos Palmares. Bateu-se como um bravo, e perdeu um amigo, um amigo intimo, crivado de balas, pellado...

— Pellado?

— E' verdade; os negros defendiam-se tambem com agua fervendo, e este amigo recebeu um pote cheio; ficou com a chaga. Meu pae contava-me esse episodio com dor, e até com remorso, porque, no meio da refrega, teve de pizar o pobre companheiro; parece até que elle expirou quando meu pae lhe mettia as botas na cara...

O tabellião fez uma careta; e o coronel, para disfarçar o horror, perguntou o que tinha a conquista dos Palmares com a mulher que...

— Tem tudo, continuou o medico. Meu pae, ao tempo que via morrer um amigo, salvára a vida de um official, recebendo elle mesmo uma flecha no peito. O caso foi assim. Um dos negros, depois de derubar dous soldados, envergou o arco sobre a pessoa do official, que era um rapaz valente e sympathico, orphão de pae, tendo deixado a mãe em

Olinda... Meu pae comprehendeu que a flecha não lhe faria mal a elle, e então, de um salto, interpoz-se. O golpe feriu-o no peito; elle caiu. O official, Damião... Damião de tal. Não digo o nome todo, porque elle tem alguns descendentes para as bandas de Minas. Damião basta. Damião passou a noite ao pé da cama de meu pae, agradecido, dedicado, louvando-lhe uma acção tão sublime. E chorava. Não podia supportar a ideia de ver morrer o homem que lhe salvára a vida por um modo tão raro. Meu pae sarou de pressa, com pasmo de todos. A pobre mãe do official quiz beijar-lhe as mãos: — «Basta-me um premio, disse elle; a sua amizade e a de seu filho.» O caso encheu de pasmo Olinda inteira. Não se fallava em outra cousa; e dahi a algumas semanas a admiração publica trabalhava em fazer uma lenda. O sacrificio, como veem, era nenhum, pois meu pae não podia morrer; mas o povo, que não sabia disso, buscou uma causa ao sacrificio, uma causa tão grande como elle, e descobriu que o Damião devia ser filho de meu pae, e naturalmente filho aduitero. Investigaram o passado da viuva; acharam algumas resacas que se perdiam na obscuridade. O rosto de meu pae entrou a parecer conhecido de alguns; não faltou mesmo quem affirmasse ter ido a uma merenda, vinte annos antes, em casa da viuva, que era então casada, e visto ali meu pae. Todas estas patraugas aborreceram tanto a meu pae, que elle determinou passar á Bahia, onde casou...

— Com a tal senhora?

— Justamente... Casou com D. Helena, bella como o sol, dizia elle. Um anno depois morria em Olinda a viuva, e o Damião vinha á Bahia trazer a meu pae uma madeixa dos cabellos da mãe, e um collar que a moribunda pedia para ser usada pela mulher d'elle. D. Helena soube do episodio da flecha, e agradeceu a lembrança da morta. Damião quiz voltar para Olinda; meu pae disse-lhe que não, que fosse no anno seguinte. Damião ficou. Tres mezes depois uma paixão desordenada... Meu pae soube da alevisia de ambos, por um comensal da casa. Quiz matar-os; mas o mes no que os denunciou avisou-os do perigo, e elles puderam evitar a morte. Meu pae voltou o punhal contra si, e enterrou-o no coração. «Filho, dizia-me elle, contando o episodio; dei seis golpes, cada um dos quaes bastava para matar um homem, e não morri.» Desesperado saiu de casa, e atirou-se ao mar. O mar restituiu-o á terra. A morte não podia aceitar-o; elle pertencia á vida por todos os seculos. Não teve outro recurso mais do que fugir; veio para o Sul, onde alguns annos depois, no principio do seculo passado, podemos achá-lo na descoberta das minas. Era um modo de affogar o desespero, que era grande, pois amara muito a mulher, como um louco...

— E ella?

— São contos largos, e não me sobra tempo. Ella veio ao Rio de Janeiro, depois das duas invasões francezas; creio que em 1713. Já então meu pae enriquecera com as minas, e residia na cidade fluminense, bemquisto, com ideias até de ser nomeado governador. D. Helena appareceu-lhe, acompanhada da mãe e de um tio. Mãe e tio vieram dizer-lhe que era tempo de acabar com a situação em que meu pae tinha collocado a mulher. A calumnia pezára longamente sobre a vida da pobre senhora. Os cabellos iam-lhe embranquecendo; não era só a idade que chegava, eram principalmente os desgostos, as lagrymas. Mostraram-lhe uma carta escripta pelo comensal denunciante, pedindo perdão a D. Helena da calumnia que lhe levantára e confessando que o fizera levado de um criminosa paixão. Meu pae era uma boa alma; aceitou a mulher, a sogra e o tio. Os annos fizeram o seu officio; todos tres envelhecera-n, menos meu pae. Helena ficou com a cabeça toda branca; a mãe e o tio voavam para a decrepitude; e nenhum delles tirava os olhos de meu pae, espreitando as cãs que não vinham, e as rugas ausentes. Um dia meu pae ouviu-lhes dizer que elle devia ter parte com o diabo. Tão forte! e acrescentava o tio: — «De que serve o testamento, se temos de ir antes?» Duas semanas depois morria o tio; a sogra acabou pateta, dahi a um anno. Restava a mulher, que pouco mais durou.

— O que me parece, aventurou o coronel, é que elles vieram ao cheiro dos cobres...

— De certo.

— ...e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão innocente como dizia. E' verdade que a carta do denunciante...

— O denunciante foi pago para escrever a carta, explicou o Dr. Leão; meu pae soube disso, depois da

morte da mulher ao passar pela Bahia... Meia noite! Vamos dormir; é tarde; amanhã direi o resto.

— Não, não, agora mesmo.

— Mas senhores... Só se fôr muito por alto.

— Seja por alto.

O doutor levantou-se e foi espiar a noite, estendendo o braço para fóra, e recebendo alguns pingos de chuva na mão. Depois voltou-se e deu com os dous olhando um para o outro, interrogativos. Fez lentamente um cigarro, accendeu-o, e puxadas umas tres fumaças, concluiu a singular historia.

(Continúa)

MACHADO DE ASSIS.

A CIDADE E OS THEATROS

Uma quinzena cheia, essa que passou. Sport hippico, sport humano, abertura do Lyrico, passeata do Lyceu...

Procedamos por ordem.

Gostam do sport? Sportou-se d'esta vez um pouco por toda parte: no Prado Fluminense, na rua de Paysandú...

Tuez les premiers, messieurs les anglais... Hip! hip! hurrah!... Eil-os que partem, correm, voam, devoram o espaço com o mesmo appetite com que devoram o seu plum-pudding... Hip! hip! hurrah! É o British amateur athletic sport, que dá a sua segunda festa d'este anno.

Uma bella festa.

Sob um céu azul como a pupilla d'uma ingleza, o campo do Cricket-Club deslumbra com as suas missas de cabellos de ouro e os seus olhos de saphira. A corte concorreu ainda com alguns velocinos...

A mulher loura, disse uma mulher, é duas vezes mulher. E' uma questão debatida, mas não decidida, essa da cor.

A leitora conhece de certo a historia desse celebre bigamo que, morando alternadamente em duas cidades, conseguiu guardar dez annos duas esposas; uma loura, outra morena. Quando depois, arguido de qual gostava mais, respondia sempre:

— Gostava mais da loura, quando estava com a morena; mas preferia a morena se estava com a loura!

Mas, voltando ao campo da rua de Paysandú...

Não se pôde dizer que a festa dos inglezes passou sem novidade; houve uma, a da corda; seis solteiros tiravam d'um lado, seis casados tiravam d'outro...

Os casados roeram a corda aos solteiros.

O tempo de jantar, e a caminho para a festa da Gloria, a celebra romria onde outrora o Rio de Janeiro se dava rendez-vous, e as moças se perdiam das mães durante o fogo... Os capoeiras acabaram com essa devoção, hoje e as moças que se querem perder, já não esperam mais a festa da Gloria. Tudo passa... Passemos.

O grande acontecimento, a grande novidade instantaneamente esperada foi a abertura do Pedro II com a estreia da companhia lyrica.

O grande theatro está um pouco melhorado.

A nossa paternal policia, tendo noticia dos incendios em dois theatros da Europa, ordenara ao proprietario do imperial barracão algumas precauções, e o theatro tem hoje muito mais portas, que em caso de perigo, facilitam a sahida.

Os assignantes acham mesmo que, com os preços do Sr. Ferrari o difficil agora já não é sahir, mas entrar no theatro imperial.

Correu mesmo o boato de que, os maridos, revoltados contra o augmento de preços, formaram parede para não assignar; mas, ai! nisso de moda como em tudo aliás, os maridos propõem e as mulheres dispõem.

Assim o theatro encheu-se...

Semiramis foi a opera de estreia da nova companhia.

As leitoras já conhecem ao menos pelo piano essa opera de Rossini; mas sabem em que condições elle a escreveu?

Um pouco de historia não faz mal a ninguem.

Sabem as tres unicas circunstancias em que, durante toda a sua vida, Rossini tenha chorado?

E' authentico, consta d'uma carta d'elle a um amigo.

A primeira foi quando, em Veneza, a sua opera anterior a *Semiramis* foi pateada; a segunda, quando ouviu pela primeira vez Paganini tocar rabeca; a ultima finalmente, foi quando, n'um passeio no lago da Guarda deixou cahir n'agua, por descuido, um perú *truffido* que tinha entre os braços.

Foi portanto sob a impressão d'uma pateada, que Rossini escreveu *Semiramis*, composta quasi d'um folego em menos de vinte dias, e applaudida com enthusiasmo pouco tempo depois. Foi uma desforra, as pateadas inspiram, parece, porque *Semiramis* é realmente uma bella opera, longa muito longa, demasiado longa, talvez; mas que importa! se não é prohibido dormir durante a metade de cada acto...

Interpretaram a opera do maestro italiano a Sra. Borghi-Mamo, que é ainda a mesma boa artista e excellente cantora do anno passado, e a Sra. Scacchi-Lolli, o principe, que pela primeira vez canta no Rio de Janeiro.

A Sra. Scacchi, que é uma artista correctissima, d'uma physionomia graciosa e sympathica possui uma excellente voz de contralto, sonora, justa, san e sobretudo facil.

Dos outros artistas, não ha grandes couzas a dizer.

Na sala, ou por arrufos contra o empresario ou não sei porque, muita frieza.

LITTERATURA

O IMMORTAL

(Continuação)

V

— Meu pai deixou pouco depois o Brazil, foi a Lisboa, e d'alli passou-se á India, onde se demorou mais de cinco annos, e d'onde voltou a Portugal, com alguns estudos feitos acerca daquella parte do mundo. Deu-lhes a ultima lima, e fel-os imprimir, tão a tempo, que o governo mandou-o chamar para entregar-lhe o governo de Goa. Um candidato ao cargo, logo que soube do caso, poz em acção todos os meios possíveis e impossíveis. Empenhos, intrigas, maledicencia, tudo lhe servia de arma. Chegou a obter, por dinheiro, que um dos melhores latinistas da peninsula, homem sem escrúpulos, forjasse um texto latino da obra de meu pai, e o attribuisse a um frade agostinho, morto em Adem. E a tacha de plagiario acabou de eliminar meu pai, que perdeu o governo de Goa, o qual passou ás mãos do outro; perdendo tambem, o que é mais, toda a consideração pessoal. Elle escreveu uma longa justificação, mandou cartas para a India, cujas respostas não esperou, porque no meio desses trabalhos, aborreceu-se tanto, que entendeu melhor deixar tudo, e sair de Lisboa. Esta geração passa, disse elle, e eu fico. Voltarei cá d'aquí a um seculo ou dous.

— Veja isto, interrompeu o tabellião, parece cousa de caçoadá! Voltar dahi a um seculo — ou dous, como se fosse um ou dous mezes. Que diz, seu coronel?

— Ah! eu quizera ser esse homem! É verdade que elle não voltou um seculo depois... Ou voltou?

— Ouçam-me. Sain d'alli para Madrid, onde estive de amores com duas fidalgas, uma dellas viuva e bonita, como o sol, a outra casada, menos bella, porém amorosa e terna como uma pomba rola. O marido desta chegou a descobrir o caso, e não quiz bater-se com meu pae, que não era nobre; mas a paixão do ciúme e da honra levou esse homem offendido á pratica de uma alvimosia, igual á outra: mandou assassinar meu pae; os esbirros deram-lhe tres panhaladas e quinze dias de cama. Restabelecido, deram-lhe um tiro; foi o mesmo que nada. Então, o marido achou um meio de eliminar meu pae; tinha visto com elle alguns objectos, notas, e desenhos de cousas religiosas da India, e denunciou-o ao Santo-Officio, como dador a praticas supersticiosas. O Santo-Officio, que não era omisso nem frouxo nos seus deveres, tomou conta delle, e condemnou-o a carcere perpetuo. Meu pae ficou aterrado. Na verdade, a prisão perpetua para elle devia ser a cousa mais horrorosa do mundo. Promethen, o mesmo Promethen foi desencadeado... Não me interrompa, Sr. Linhares, depois direi quem foi esse Promethen. Mas, repito: elle foi desencadeado, enquanto que meu pae, estava nas mãos do Santo-Officio, sem esperança. Por outro lado, elle reflectiu consigo que, se era eterno, não o era o Santo-Officio. O Santo-Officio hade acabar um dia, e os seus carcereiros, e então ficarei livre. Depois, pensou tambem que, desde que passasse um certo numero de annos, sem envelhecer nem morrer, tornar-se-hia um caso tão extraordinario, que o mesmo Santo-Officio lhe abriria as portas. Finalmente, ceceu a outra consideração. « Meu filho, disse-me elle, eu tinha padecido tanto n'aquelles longos annos de vida, tinha visto tanta paixão má, tanta miseria, tanta calamidade, que agradecei a Deus o carcere e uma longa prisão; e disse commigo que o Santo-Officio não era tão mau, pois que me retirava por algumas dezenas de annos, talvez um seculo, do espectáculo exterior... »

— Ora essa!

— Coitado! Não contava com a outra fidalga, a viuva, que poz em campo todos os recursos de que podia dispor, e alcançou-lhe a fuga dahi a poucos mezes. Sairam ambos de Hespanha, metteram-se em França, e passaram á Italia, onde meu pae ficou residindo por longos annos. A viuva morreu-lhe nos braços; e, salvo uma paixão que teve em Florença, por um rapaz nobre, com quem fugiu e esteve seis mezes, foi sempre fiel ao amante. Repito, morreu-lhe nos braços, e elle padeciu muito, chorou muito, chegou a querer morrer tambem. Contou-me os actos de desespero que praticou; porque, na verdade, amara muito a formosa madrilena. Desesperado, metteu-se a caminho, e viajou por Hun-

gria, Dalmacia, Valachia; esteve cinco annos em Constantinopla; estudou o turco a fundo, e depois o arabe. Já lhes disse que elle sabia muitas linguas; lembra-me de o ver traduzir o Padre Nasso em cincoenta idiomas diversos. Sabia muito. E sciencias! Meu pae, sabia uma infinidade de cousas: philosophia, jurisprudencia, theologia, archaeologia, chimica, physica, mathematicas, astronomia, botanica; sabia architectura, pintura, musica. Sabia o diabo.

— Na verdade...

— Muito, sabia muito. E fez mais do que estudar o turco; adoptou o mahometanismo. Mas deixou-o dahi o pouco. Enfim, aborreceu-se dos turcos: era a sina delle aborrecer-se facilmente de uma cousa ou de um officio. Saiu de Constantinopla, visitou outras partes da Europa, e finalmente passou-se a Inglaterra aonde não fora desde longos annos. Aconteceu-lhe ali o que lhe acontecia em toda a parte: achou todas as caras novas; e essa troca de caras no meio de uma cidade, que era a mesma deixada por elle, dava-lhe a impressão de uma peça theatral, em que o scenario não muda, e só mudam os actores. Essa impressão, que a principio, foi só de pasmo, passou a ser de tedio; mas agora, em Londres, foi outra cousa peior, porque despertou nelle uma ideia, que nunca tivera, uma ideia extraordinaria, pavorosa...

— Que foi?

— A ideia de ficar doudo um dia. Imaginem: um doudo eterno. A commoção que esta ideia lhe dava foi tal que quasi enlouqueceu alli mesmo. Então lembrou-se de outra cousa. Como tinha o boião do elixir consigo, lembrou-se de dar o resto a alguma senhora ou homem, e ficariam os dous immortaes. Sempre era uma companhia. Mas, como tinha tempo deante de si, não precipitou nada: achou melhor esperar pessoa cabal. O certo é que essa ideia o tranquillizou... Se lhe contasse as aventuras que elle teve outra vez na Inglaterra, e depois em França, e no Brazil, aonde voltou no vice-reinado do conde de Rezende, não acabava mais, e o tempo urge, alem de que o Sr. coronel está com somno...

— Qual somno!

— Pelo menos está cansado.

— Nem isso. Se eu nunca ouvi uma cousa que me interessasse tanto. Vamos: conte essas aventuras.

— Não; direi somente que elle achou-se em França por occasião da revolução de 1789, assistiu a tudo, á queda e morte do rei, dos girondinos, de Danton, de Robespierre: morou algum tempo com Philinto Elysio, o poeta, sabem? Morou com elle em Pariz; foi um dos elegantes do Directorio, deuse com o primeiro Consul... Quiz até naturalisar-se e seguir as armas e a politica; podia ter sido um dos marechaes do imperio, e pode ser até que não tivesse havido Waterloo. Mas ficou tão enjoado de algumas apostasias politicas, e tão indignado, que recuou a tempo. Em 1808 achamol-o em viagem com a corte real para o Rio de Janeiro. Em 1822 saudou a independencia; e fez parte da Constituinte; trabalhou no 7 de Abril; festejou a maioridade; ha dous annos era deputado.

Neste ponto os dous ouvintes redobraram de attenção. Compreenderam que iam chegar ao desculace, e não quizeram perder uma syllaba d'aquella parte da narração, em que iam saber da morte do immortal. Pela sua parte, o Dr. Leão parára um pouco; podia ser uma lembrança dolorosa; podia tambem ser um recurso para aguçar mais o appetite. O tabellião ainda lhe perguntou, se o pae não tinha dado a alguém o resto do elixir, como queria; mas o narrador não lhe respondeu nada. Olhava para dentro; enfim, terminou deste modo:

— A alma de meu pae chegára a um grão de profunda melancholia. Nada o contentava; nem o sabor da gloria, nem o sabor do perigo, nem o do amor. Tinha então perdido minha mãe, e viviamos juntos, como dous solteiros. A politica perdera todos os encantos aos olhos d'um homem que pleiteára um throno, e um dos primeiros do universo. Vegetava consigo; triste, impaciente, enjoado. Nas horas mais alegres fazia projectos para o seculo XX e XXIV, porque já então me desvendára todo o segredo da vida delle. Não acreditei, confesso; e imaginei que fosse alguma perturbação mental; mas as provas foram completas, e demais a observação mostrou-me que elle estava em plena saúde. Só o espirito, como digo, parecia abatido e desencantado. Um dia, dizendo-lhe eu que não comprehendia tamanha tristeza, quando eu daria a alma ao diabo para ter a vida eterna, meu pae sorriu com uma tal expressão de superioridade, que me enterrou cem

palmos abaixo do chão. Depois, respondeu que eu não sabia o que dizia; que a vida eterna afigurava-se-me excellente, justamente porque a minha era limitada e curta; em verdade, era o mais atroz dos supplicios. Tinha visto morrer todas as suas affeições; devia perder-me um dia, e todos os mais filhos que tivesse pelos seculos adiante. Outras affeições e não poucas o tinham enganado; e umas e outras, boas e más, singeras e perfidas, era-lhe forçoso repetil-as, sem tregoa, sem um respiro ao menos, porquanto, a experiencia não lhe podia valer contra a necessidade de agarrar-se a alguma cousa, naquella passagem rapida dos homens e das gerações. Era uma necessidade da vida eterna; sem ella, cairia na demencia. Tinha provado tudo, exgotado tudo; agora era a repetição, a monotonia, sem esperança, sem nada. Tinha de relatar a outros filhas, vinte ou trinta seculos mais tarde, o que me estava agora dizendo; e depois a outros, e outros, e outros, um não acabar mais nunca. Tinha de estudar novas linguas, como faria Annibal, se vivesse até hoje; e para que? para ouvir os mesmos sentimentos, as mesmas paixões... E dizia-me tudo isso, verdadeiramente abatido. Não parece exquisito? Enfim um dia, como eu fizesse a alguns amigos, uma exposição do systema homeopathico, vi reluzir nos olhos de meu pae um fogo desusado e extraordinario. Não me disse nada. De noite, vieram chamar-me ao quarto d'elle. Acheio-o moribundo; disse-me então, com a lingua tropega, que o principio homeopathico fora para elle a salvação. *Similia similibus curantur*. Bebera o resto do elixir, e assim como a primeira metade lhe dera a vida, a segunda dava-lhe a morte. E, dito isto, expirou.

O coronel e o tabellião ficaram algum tempo calados, sem saber que pensassem da famosa historia; mas a seriedade do medico era tão profunda, que não havia duvidar. Creram no caso, e creram tambem definitivamente na homeopathia. Narra da historia a outras pessoas, não faltou quem supuzesse que o medico era louco; outros attribuíram-lhe o intuito de tirar ao coronel e ao tabellião o desgosto manifestado por ambos de não poderem viver eternamente, mostrando-lhes que a morte é, enfim, um beneficio. Mas a suspeita de que elle apenas quiz propagar a homeopathia entrou em alguns cerebros, e não era inverosimil. Dou este problema aos estudiosos. Tal é o caso extraordinario, que ha annos, com outro nome, e por outras palavras, contei a este bom povo, que provavelmente já os esqueceu a ambos.

MACHADO DE ASSIS.

MUNDO FEMINIL

A celebre artista tragica Sarah Bernhardt vai mandar construir um theatro em Paris, o qual deve ficar prompto no proximo outono. Como se sabe, essa artista foi condemnada a pagar á Comedia Francaza uma indemnisação de cem mil francos caso appareça na scena de algum theatro parisiense, a curiosidade publica está empenhada em saber como espera ella sair-se da sua empreza, pois que no theatro que estifica tenciona apresentar-se no repertorio classico francez e inglez.

Mistress Mary Lincoln, viuva do ex-Presidente dos Estados- Unidos que morreu assassinado por Booth, acaba de fallecer após longos soffrimentos. A morte d'essa senhora deu occasião á imprensa ingleza para accusar de ingratitude a nação Norte Americana, pois que, segundo diz, deixou morrer na miseria a viuva do benemerito presidente. Carece porém de fundamento a asserção. Mistress Lincoln possuia uma fortuna de 50,000 dollars alem de uma casa em Springfield em que morou até a sua morte. Além d'isso recebia do governo uma pensão que, de 3,000 dollars que era a principio passou a ser de 5,000 dollars nos ultimos tempos. Essa senhora entretanto, constantemente pedia ao governo dos Estados Unidos que a ajudasse a viver, quer por meio de augmentos de sua pensão, quer por meio de subsidios, recebendo assim ainda ha pouco tempo uma quantia de 1,000 dollars. Parece que a pobre senhora soffria da mania de acreditar que no futuro eram-lhe reservados dias de miseria, queixando-se constantemente, o que a muitos fazia acreditar que era mesmo precaria a sua posição. Explicou-se assim que sendo o proprio filho ministro do Interior do presidente Garfield, indeferira uma petição da sua mãe pedindo augmento de subsidio.

Morreu a 19 de Julho proximo passado a mãe do estadista Gambetta. Essa senhora, filha de um pharmaceutico de Cahors, nasceu em 1807 e casara com um mercante da mesma cidade. Ella teve notavel influencia sobre a carreira do celebre tribuna, por isso que persistiu, contra a vontade do marido, para que o seu filho seguisse a carreira do Direito. Vivia ha alguns annos em Niza, em uma quinta com que a presentara o filho, depois de rico. Tendo ido a Paris para assistir aos festejos nacionaes, ali morreu de um ataque apoplezico. O seu nome de familia era muito conhecido em razão de ser o que serve a Gambetta quando viaja incognito, fazendo-se conhecer como o advogado Massabie.